

III. Entendimento das chamadas
"relações externas" num contexto mun-
dial novo



1. As "relações externas" aliciam-se em alguns vectores fundamentais e inter-actuentes entre si:

- a afirmação da identidade nacional, não só em termos da sobrania do Estado sobre o território nacional e sobre os recursos naturais mas também em termos duma existência económica autónoma que interdependente com outras economias e duma presença cultural exprimindo a vivência de uma sociedade consciente de sua história e perspectivada no seu futuro;

~~Neste contexto, a situação de P., redescobrimdo-se numa nova dimensão geográfica, sendo objecto do interesse ^{da} procura de mão-de-obra barata,~~

- a defesa dos interesses nacionais 2
na dupla perspectiva do Estado e
da sociedade:

• no domínio do Estado a afirmação,
quer à luz do direito internacional
quer pela exigência ética do n/tempo,
de q̄ todos os Estados são iguais
soberanos (q̄ q̄ seja a sua dimensão,
a sua população, o seu est.º de
des.º económico) o q̄ conduz a:

— à exclusão de q̄ atitude
ou comportamento q̄ possam ser
entendidos como subserviência
em relação a outros Estados;
— ao estabelecimento de
uma íntima correspondência
entre a política interna e a
política externa.



- a diversificação das relações ³
os outros Estados,
na dupla perspectiva de reco-
nhecimento do valor intrínseco
das culturas nacionais e dos
 povos q̄ os compõem
e de não-ingêrência nos assuntos
 internos dos outros Estados, im-
pedindo q̄ o seu regime político,
 económico e social afecte as
 boas relações com o Estado Portu-
guês ;

Fundação Cuidar o Futuro



- a solidariedade activa com $\frac{4}{-}$
as grandes causas da humani-
dade neste fim-de-seculo,
quer na denuncia dos actos de
violaco dos direitos dos hs e
dos povos
quer na participaco em todos
os trabalhos e decises q per-
mitam o aproveitamento do
"novo saber" desta dcada em
beneficio de todos os povos sem
excepo



2. Como foram vividas estas $\frac{5}{5}$ dimensões na década 74/84?

A resposta só pode resultar de uma análise cuidada dos propósitos e dos actos dos vários agentes políticos ao longo deste período.

Divido-o — em extrema simplificação de análise — em três etapas:

— a que vai desde o 25 Abril até ao fim dos Gov. Provisórios;



Fundação Cuidar o Futuro

— a que começa no I Gov. Const. e termina c/o fim do V Gov. Const.

— a que começa c/o VI Gov. Const. e vem até aos nossos dias.

É evidente que cada uma destas etapas comporta uma diversidade de forças que permitem afirmar que há uma certa "ambiguidade" na política global. Tal resulta, em grande parte da possibilidade de intervenções de vários actores políticos c/ diferente percepção dos vectores de pol. ext. através dos circuitos.

2.1. Período de 74 a 76



6

Reatam-se as relações ~~de~~ ^{com} numerosos países (59); pela primeira vez, estabelecem-se relações ~~de~~ ^{com} novos países independentes ou com ^{países pertencentes a,} grupos geo-políticos de \bar{q} o regime de posto nos afastara total; ~~começa a afirmação de~~ ^{retorna-se o} lugar nas plataformas internacionais, ~~de~~ ^{de} especial relevo p. as agências especializadas da ONU \bar{q} nos haviam condenado ou em instâncias \bar{q} funcionam como a causa de restabelecimento da democracia como é o caso do Conselho da Europa.

Já durante este período se distinguem duas correntes:
- a \bar{q} ~~atueia às transformações mundiais,~~ ^{se mantém} exclusivamente eurocêntrica, no mesmo período em \bar{q} ~~toda a E~~ a Europa é atravessada pela interogação sobre o seu lugar no mundo, e dos modelos

Europeus do início da industrialização
ou do pós-guerra, retira "modelos"
q̄ tenta aplicar em P.;

— a q̄, embora s/ negar a urgência
da construção de uma nova Europa,
e de parte achava q̄ P. aí deve as-
sumir, ^{um certo paralelismo} reconhece ~~solidária~~ com
os países do Terceiro Mundo na
procura de uma via de des. ^{to} q̄
faça a economia das primeiras etapas
de industrialização e q̄ possa realizar
o "curto-circuito" dessas etapas.

Estas duas correntes estão pre-
sentes em P. ao longo destes 10
anos, embora a primeira se man-
tenha obstinadamente ligada ao
mito fundador e a segunda tenha
vindo a modificar-se e a adquirir
novos contornos face às transfor-
mações presentes no N e no S.



Vo fantasma do
"terceiro-mundismo" 4

Durante este período, não há o país q̄ não tente manifestar a sua solidariedade com P. : na apreciação explícita pelo esforço de descolonização; no interesse das comunidades científicas e de várias associações e grupos políticos pelo processo em P. ; na tentativa de apoio dos países ricos a P.



— " —

Nesta etapa, diversificam-se de facto as relações, manifesta-se a solidariedade (e os povos oprimidos, Fundação Cuidar o Futuro), afirma-se, de cabeça erguida, a dignidade do Estado português com numerosas intervenções em encontros internacionais, Mas a identidade nacional é ainda problemática: as lutas ideológicas internas impedem q̄ se manifeste externa/ uma linha clara e cada interveniente no processo de afirmação externa tenta o melhor q̄ sabe e pode essa afirmação, correndo os riscos q̄ tal iniciativa necessaria/ acar

reta. ~~Cedo~~

Cedo se torna claro q as estruturas de apoio à act externa, nomeada/ o MNE, não estão adaptadas às novas tarefas, nem no n.º de funcionários, nem na articulação e/ os outros Nil. e org. não-gov., nem na sua articulação interna. (Daí o esforço de re-estr. do VI Gov. Prov. de manter elaborar um esq. de re-estr. q ainda hoje está, em g.ª parte, por realizar.)



A act diplomática desenvolve-se até ao 20 Abril numa tal

esquema de isolad e defesa q, quando em Nov. de 71, pedi a palavra no debate geral da III Com. da AG-ONU no ponto da ordem do dia ~~relativo~~ ao "acesso rápido à independência dos territórios não-autónomos", ~~se fez na sala um grande silêncio e um membro do Secret. comentou f.º alg.º: "look! the silent delegation speaks up!"~~ fez-se um grande silêncio e o espírito dominava os delegados.

É q desde 1.º Emb. Fr. Nop. deixara a sala a del. port. há 8 q. atrás, foi o primeiro a falar.

2.2. A etapa de 76-79 é, com a excepção do I e do V Gov., uma etapa em que se procura menos as vias necessárias p̄ a diversificação das relações c/ os outros Estados do q̄ as alianças e os apoios q̄ permitem resolver, de forma garantida, os problemas económicos c/ q̄ o país se debatia.

É uma etapa de certa vitalidade nas plataformas internacionais, embora diversos traços utilizados ~~em~~ impeçam muitas vezes - e contra a defesa dos interesses nacionais - q̄ essa vitalidade se manifeste na ordem interna e q̄ se estabeleçam necessárias ligações.

É uma etapa em q̄ se revela, na descoordenação e no mau aproveitamento das relações institucionais e pessoais c/ outros países,



a sua situação de país sub-desenvolvido. 11
Nada há falta de recursos. Eles são
mal geridos. E q.º do aplicados para
fazer face a situações onde P. pode
indiscutivelmente tomar posição acabam
por ser cerceados. É a tentativa pr. vencer
esse aspecto do sub-des.º q. se ~~que~~ dirige a crítica de
~~q. surge o slogan~~ de "diplomacia para-
lela".



Fundação Cuidar o Futuro

2.3. De 80 aos nossos dias, é difícil 12
compreender o q̄ significa a política
externa face aos vectores q̄ enunciados
há pouco.

Reduz-se ~~cada vez~~ o campo de
interacção c/ os Estados + diversos e
concentra-se a actividade diplomá-
tica na integração na CEE. A orientação
dos vários governos, tal como vem ex-
plícita, nos respectivos programas,
invalida alguns dos vectores das
relações externas q̄ referi. Assim:

Fundação Cuidar o Futuro

Onde está a afirmação da identidade
nacional? Onde está a defesa dos in-
teresses nacionais? Onde está a sal-
vaguarda dos direitos dos trab.^{es} por-
tugueses no estrangeiro? Onde está o
princípio de diversificação das relações
c/ outros Estados?



Apelo ao "realismo":

- como se coaduna c/a manutenção
dum "mito" de integridade europeia
paralizante da n/actividade externa
e anestesidora de informacao?



Fundação Cuidar o Futuro

IV. As potencialidades das relações multi-laterais 13

1. Os vários Tipologia simplificada das org. multi-laterais:

1.1. Sistema ONU:

Concebido para fortalecer a paz, este se concentram as numerosas fontes de cooperação entre os Estados exigidas pelo mundo moderno e os mecanismos que deveriam ser reguladores de conflitos.

As potencialidades de um tal sistema, ^{que contribui para a} ~~de~~ ^{na} unidade e projecção dos ^{seus} vectores das relações externas, ~~se~~ são enormes.

No entanto, duas dificuldades são bem claras durante estes 10 anos.

Por um lado, as dificuldades inerentes ao próprio sistema. Este proliferou de forma espectacular durante os últimos dez anos. Novos organismos



intencionais sempre q̄ um novo problema¹⁴
aparece na cena mundial;

novas conferências especiais sobre fontes
quentes da geo-estratégia mundial e sobre
as quais se sabe de antemão q̄ nada delas
resultará;

"anos internacionais" de ... deficientes, ms,
juventude, paz, etc., q̄, se por um lado,
tendem na idéia original a acivar ~~com~~
o interesse pelo tema fulcral, por outro
lado, tornam-se rapidamente novas agên-
cias de contrato-a-prazo, sempre numa
maneira expedita de entrar na única
empresa do mundo onde se sentem os
efeitos da recessão: a ONU!...

A desorganização q̄ daqui decorre é
espectacular. Do mais limitado aspecto
da vida int/na à 9.^{da} questão a p̄ a huma-
nidade tem de fazer face, tudo é duplicado.
O mm assunto chega a estar em estudo
e debate em mais de 5 organismos \neq s
dentro do mm sistema.



Problema grave no seio da ONU

é o papel q' aí desempenham os países do Terceiro Mundo. As elites desses países, farras a euforia de independência e a tomada de poder, vêm as instituições internacionais como o último lugar a simbolizar a conquista. ~~Dai, por isso,~~
~~uma decisão de tomar fuese "raes"~~
 Os problemas q' daí decorrem são graves.

P. pode, neste contexto, tornar-se um país-charneira, ~~o~~ como o são os países Fundação Cuidar o Futuro de não permitir e situar-se de spr. do lado dos ricos ~



Por outro lado, a tendência da parte de 15 muitos países de utilizarem indiscriminadamente as \neq s plataformas, como se cada uma delas fosse única. P.º isso concorrem várias deficiências internas:

- a má-articulação das representações diplomáticas (e m.º menos das delegações) nas várias frentes e o seu funcional descoordenado;
- a ausência de parceiros adequados na ordem interna p.º rentabilizar ao máximo o contributo int/ual;



a tendência a q̄ as questões técnicas sejam sub-valorizadas e tratadas apenas numa perspectiva político-diplomática;

~~Neste contexto, O sistema ONU~~
veio a perder credibilidade durante esta década e a reduzir à inefetividade quem o dirige. Os sucessivos SG não deixam de apontar p.º as deficiências crescentes do sistema mas parecem paralisados pela força autocrática do dirigente da > parte do conselho e afiliações especializadas do sistema. A reunião regular da AEC só "funciona" q.º está presente o SG!

Perante esta realidade, o que cabe ¹⁶
a um país como P. é racionalizar
a interdependência das temáticas de
várias ramificações do sistema ONU.
Para tal, seria indispensável, dtro. do
MNE e c/ representat^{es} dos vários depart^{os}
centros de Estado intervenientes, um órgão
em q^{ue} essa interdependência técnica
fosse superada e racionalizada.



2. Outras org. multi-laterais institucionais e ad hoc

Outras org. multi-lat. têm ≡ 12 por-
tância: a OCDE, o Conselho da Europa,
etc..

Mas tb. relativa/ a estes org. 12 port^{os}
perguntar: qual é o "peso" específico
da representat^{es} portuguesas nestes org.?
em q^{ue} se traduz?

E, recíproca, qual é a influência dos
debates das reuniões de pontos destes
org. na política interna do país?

Onde estão os delegados portugueses
suficientemente atentos p.^o imediato/darem

conhecer aos Gov. as experiências novas, 17
as orientações susceptíveis de ajudarem o
país? E onde estão os Gov. q, ouvindo o
q se decide ou recomenda nessas plata-
formas, tomam medidas em consonância?

A maximização da intervenção port.
nestas plataf. é um imperativo de ul. participação
e do adequado entendimento das relações
externas. (Já devia ter passado o tempo
em q altos funcionários se deslocam ao
estrangeiro "p. ver como é" ou p. irem buscar
documentos de trabalho.)

Complementar/ às org. institucionali-
zadas de longa data, outras há q nascem
exact/ da inoperância do q já existe,
na expectativa de q seja possível descobrir
novos moldes de act. + eficaz. Tal é,
entre outros, o caso de Conselho de Interac.
a q tenho a honra de pertencer.



As org. não-gov.

A importância das relações inter-governamentais conduziu, nos últimos anos, a uma reavaliação da importância das org. n-gov. P.º tal m.º contribuiu o estatuto de observador concedido na década de 70 aos mov. de libertação.

Muitos países não-totalitários das qde importância essas org. q exprimem, entre veres, a opinião de todos os sectores da actividade social e cultural do país.

